

IMAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DAS SÉRIES INICIAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA E AVALIADORA.¹

Bárbara Barros de Olim²

Universidade Federal de Sergipe/CESAD

barbara_olim@hotmail.com

Com o intuito de produzir um livro didático de História de Sergipe o Grupo de Pesquisa em Ensino de História vem desenvolvendo uma série de estudos envolvendo os livros didáticos de diferentes tipos e editoras, a fim de encontrar neles, padrões, qualidades e defeitos que ajudem o grupo a construir seu próprio material.

Um dos eixos da pesquisa é o estudo das imagens encontradas nos livros didáticos, e os principais objetivos desse estudo e responder a perguntas como: como ilustram livros didáticos? Há um padrão entre os tipos ou editoras? Há uma preferência quanto ao tipo de imagem utilizada? Como os livros trabalham com elas? O presente trabalho tem por objetivo responder a algumas dessas perguntas através da análise de quatro coleções de livros didáticos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Antes de qualquer coisa é válido começarmos pelo conceito de imagem. Imagem segundo os estudos de semiótica é um signo, uma noção completa que designa todo um meio de encarnar a representação mental de um objeto, de uma idéia, de um desejo, com a finalidade de transmiti-lo em forma de mensagem, existem vários tipos de signos, como nosso trabalho trata das imagens impressas nas páginas dos livros, o signo ao qual nos referimos é o ícone³. (cf. Guerra, 1998, p. 84).

Mais especificamente, as imagens às quais o trabalho se refere são imagens-texto⁴, que divide-se em dois tipos: imagens clássicas ou tradicionais, e imagens técnicas. As primeiras são aquelas realizadas manualmente, com o auxílio somente de instrumentos facilitadores da expressão (ex: pintura e escultura); as segundas são as realizadas com o uso de equipamentos que interferem de forma expressiva no processo de produção (ex: fotografia e cinema) (cf. Costa, 2005, p. 28-29)

Nosso principal objeto de trabalho são as imagens encontradas nos livros didáticos, que são classificados como ícones, documentais ou artísticos, com alto grau de iconicidade, manuais ou técnicas, fixas, visuais, bidimensionais e materiais⁵. Como já foi dito anteriormente, trata-

se de imagens-texto, sendo assim, têm como intuito principal a comunicação, então é importante que estejamos atentos às mensagens e funções que as imagens transmitem na página do livro didático, entendendo como funcionam e determinando qual o melhor modo de utilizá-las.

Por causa de suas propriedades comunicativas é mister sabermos lidar com a imagem na sala de aula, pois através da televisão ou outros meios áudio visuais, os estudantes já tem uma idéia esboçada de certos assuntos tratados durante as aulas, se nos prestarmos a trabalhar corretamente com as imagens em sala, os alunos terão mais facilidade de entender certos conteúdos. (cf. Gouvêa, sd, p. 55)

E foi exatamente com o intento de desvendar e direcionar as propriedades da imagem no livro didático que essa pesquisa foi iniciada, tendo agora como ponto de chegada a análise comparativa e avaliativa de quatro coleções de livros didáticos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, com um método de análise e avaliação desenvolvido ao longo de trabalhos⁶ que o grupo já vem realizando a mais de um ano.

Por intermédio dessas pesquisas pudemos gerar um método de avaliação do emprego das imagens nos livros didáticos que foi se tornando mais rico e mais prático ao longo dos trabalhos. Os critérios avaliativos adotados no presente trabalho são o resultado da experimentação prática de teorias dos campos da comunicação, educação e artes.

Cada item da ficha avaliativa utilizada para tabulação dos dados das imagens tem sua importância e foi utilizado de forma a produzir valores quantitativos e qualitativos. Os critérios avaliativos são: Tipo de ilustração, função didática, presença e tipo de atividade relacionada com a imagem, presença e tipo de legenda, cor da imagem e existência de orientação ao professor.

As coleções foram escolhidas de acordo com a disponibilidade das editoras, simulando assim a obtenção de uma coleção que qualquer professor poderia adquirir gratuitamente em uma editora. As coleções de 1ª a 4ª série, oferecidas pelas editoras e que agora fazem parte desta pesquisa são: “Projeto Pitangua” da editora Moderna, “Pelos Caminhos da História” da editora Positivo, “De olho no futuro” da editora Quinteto Editorial, e “Porta Aberta” da editora FTD.

O primeiro critério a ser analisado é o tipo de ilustração, sua relevância vem do fato de que certos tipos de imagem precisam de uma atenção maior, para que aspectos da leitura da

imagem não passem despercebidos. Essa leitura, baseia-se nos princípios de níveis de leitura de Panofski, e de alfabetismo visual de Donis A. Dondis.

Segundo Panofski a leitura de uma imagem dar-se-á em três níveis: O nível pré-iconográfico ou fenomenológico, que tem como função a identificação e enumeração das formas puras reconhecidas como portadoras de significados, ou seja, o mundo dos motivos artísticos. Segundo nível, chamado de iconográfico, diz respeito ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias. Terceiro nível, identificado como camada da essência, ou significado intrínseco ou conteúdo, é dado pela determinação dos princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica.

A alfabetização visual anunciada por Donis A. Dondis, seria a forma pela qual as pessoas teriam condições de extrair de uma imagem toda sua mensagem e conteúdo sendo ele subliminar ou não. Essa teoria ressalta a importância de aprender a entender as imagens por si mesmas, sem que para isso seja preciso um texto escrito para auxiliar. Veja o que Miguel Guerra fala sobre isso:

“Así como la primera revolución industrial generó la necesidad de la alfabetización popular para que el complejo industrial pudiera funcionar, hoy día resulta imprescindible la alfabetización visual para capacitar al niño y también al adulto a manejarse en una sociedad en la que la producción y el consumo de imágenes son cada vez mayores y donde la comunicación icónica es parte de la vida diaria” (GUERRA. 1998, p.99).

Para a criança, público atingido pelos livros estudados neste trabalho, a visão é prioritariamente um instrumento que agrega múltiplas experiências pessoais e sociais, quando uma criança vê uma imagem ela a interpreta de acordo com seus conhecimentos prévios com o que ela já sabe ou não sabe sobre determinado objeto. Observe a opinião da autora Donis A. Dondis sobre a aprendizagem e o visual:

“A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento “manual”, o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico – a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo,

passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos, ou naquilo que queremos ver.” (DONDIS. 2003 p.5-6).

Sabendo da relevância que a leitura da imagem tem para a total assimilação de uma página de livro didático cabe a nós a sensibilidade de observar se certos tipos de imagem vem acompanhada dos suportes necessários para que o aluno possa chegar a um nível secundário de leitura de imagem.

Outro ponto importante quanto ao tipo de imagem é a complexidade que certos tipos de imagem carregam consigo, um desenho infantil e colorido, feito especificamente para ilustrar tal página de livro didático, pode ser facilmente entendido e decodificado por um aluno, já uma fotografia pode ser portadora de múltiplos discursos que por vezes nem o professor sabe lê-la por completo. Veja o que o historiador Boris Kossoy diz sobre a fotografia:

“Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 1989, p.33)

Outro ponto importante além da fotografia são as pinturas porque a mesma dificuldade que o professor pode encontrar (embora não saiba) na interpretação de uma fotografia, ele pode encontrar na interpretação de uma pintura, há de se enxergar que a pintura é uma forma de representação e uma leitura de determinado momento, com propósitos, assim como a fotografia, mas para isso é preciso que os professores tenham esse tipo de subsídio pra poder ensiná-lo ao aluno. Como já foi dito anteriormente, não há como levar o analfabetismo visual para a escola sem uma base informativa, tanto para o aluno quanto para o professor, veja o que diz Hilary Cooper:

“(…) Las pinturas presentan una visión especialmente selectiva, saneada y manipulada del pasado. (...) La interpretación de las pinturas encierra problemas importantes. Por ejemplo, podemos presentar los estilos como el reflejo moral de una era? Debe interpretarse el arte primitivo como el reflejo de una sociedad primitiva o asociarse el arte recargado com la decadência?(...). Las ilustraciones de libros pueden ser una buena manera de presentar a los niños las destrezas de descodificación de pinturas y fotografías.”

Quanto ao tipo de imagem a coleção “Projeto Pitanguiá” apresentou uma grande variedade de desenhos e fotos, mas também trouxe mapas, gráficos, quadrinhos e uma quantidade significativa de reproduções de pinturas e impressos em geral. Podemos perceber também uma interação entre os tipos de imagem, para explicar determinado assunto a coleção abre mão de variados tipos de imagem conjuntamente, unindo por vezes um desenho a uma fotografia ou reprodução artística, para dar um aspecto lúdico à leitura.

A coleção “Pelos Caminhos da História”, trás uma enorme quantidade de fotografias em detrimento de desenhos, que são mais significativos no primeiro volume, mas que vão diminuindo a incidência conforme vai aumentando a série; as reproduções em geral fazem o caminho contrário dos desenhos, mas nunca ultrapassando a quantidade de fotografias, o que pode ser problemático uma vez que esse tipo de imagem exige um suporte mais elaborado, que por vezes é deixado de lado na coleção.

“De Olho no Futuro” é uma coleção que limita muito a variedade de tipos de imagem, restringindo-os quase que somente a desenhos e fotografias que vão alterando suas qualidades, com o passar das séries, de forma inversamente proporcional, mas sempre mantendo a dianteira sobre as outras formas de ilustração. Se no livro da 1ª série há mais desenhos que fotografias, no da 4ª série ocorre o contrário, mas sem grandes disparidades, e é justamente esse o ponto fraco da coleção, restringir os tipos de imagem deixando a coleção pobre.

A coleção “Porta Aberta” também cai na tríade, fotografia-desenho-reprodução, mas não deixa de impressionar pelo cuidado estético que tem com os desenhos de abertura de unidade e com as fotografias que são realmente tratadas como texto. Os tipos de imagem realmente não variam muito, mas a coleção compensa essa falta com maestria ao apresentar desenhos diferenciados e uma variada reprodução de documentos e livros o que traz pontos positivos na avaliação quanto aos tipos de imagem.

O segundo critério avaliativo são as funções da imagem que servem de base para sabermos qual é o real propósito que a imagem ocupa na página de livro a ser analisada, vale dizer que essa classificação só é válida para imagens encontradas em impressos didáticos, não valendo para imagens fílmicas ou qualquer outra. Elas estão radicadas tanto em sua natureza quanto em sua intencionalidade e foram desenvolvidas por Rodríguez-Diéguez com base na teoria das funções lingüísticas de Jakobson. E se dividem em: motivadora, vicarial, catalisadora, informativa, explicativa, facilitadora, estética.

A função motivadora é utilizada pelos professores e educadores em geral, quer com as imagens fixas, presentes nos manuais ou recorrendo a meios de projeção, quer com as imagens animadas, recorrendo a sistemas de projeção (cinema e televisão). Com elas pretende-se despertar a curiosidade e interesse dos discentes para os conteúdos cognitivos que vão constituir os objetivos da aula.

A função vicarial tem como objetivo permitir apresentar aos alunos, de uma maneira indireta, elementos da realidade, que não podem ser observados *in loco*. Em vez do recurso à descrição verbal de determinados aspectos da realidade, susceptíveis de serem decodificados e deturpados pela fraca capacidade descritiva das palavras ou pela imaginação dos alunos, a apresentação da imagem do objeto permite uma captação visual das suas características, acabando a apresentação verbal que eventualmente possa acompanhar a observação da imagem por constituir um meio de orientação e de reforço daquilo que se observa.

A função catalisadora é frequente no ensino, utilizando-se a imagem como forma de provocar uma experiência didática, a fim de facilitar a aprendizagem, em virtude do poder que tem de reorganização do real. Esta utilização é antiga no ensino; já Comênio utilizava este recurso de organização artificial dos elementos através da imagem, para facilitar a aprendizagem, a análise e a relação entre os fenômenos.

A função informativa visa a apresentação de uma série de elementos, tendo em vista fornecer informações concretas sobre eles, coincidindo em parte com a função vicarial. A imagem constitui o suporte didático principal, sendo as palavras um complemento ou reforço da informação, desempenhando um papel redundante.

A função explicativa é também desempenhada pela imagem, quando sobrepondo, por exemplo, diversos códigos numa imagem para explicar graficamente um processo, uma relação, uma seqüência temporal. Esta função está presente quando recorremos a uma seqüência de diapositivos para explicarmos as diferentes fases de funcionamento de um motor de explosão ou quando utilizamos montagens feitas com diferentes acetatos, que se vão sobrepondo, permitindo explicar os diferentes momentos de um diagrama ou as diferentes fases de montagem de um objeto complexo.

A função facilitadora redundante está quase sempre presente quando utilizamos imagens juntamente com texto, funcionando as palavras como complemento ou reforço da informação visual. Por exemplo, as legendas das imagens têm precisamente como objetivo esclarecer e reforçar os conteúdos apresentados, permitindo inclusive uma identificação mais precisa

daquilo que é mostrado e fornecendo, por vezes, referentes situacionais não susceptíveis de serem decodificados só pela análise da imagem.

A função estética está presente em alguns manuais, tendo como objetivo torná-los mais atraentes, de leitura mais agradável, permitindo um melhor equilíbrio estético da mancha gráfica e ajudando a quebrar a monotonia da leitura. Mas esta função estética também pode estar presente numa imagem que nos cativa pela harmonia e beleza dos elementos apresentados. As coleções observadas não diferenciam muito quanto aos tipos de função empregada e sim quanto a quantidade, o que trás especificidades a cada uma delas.

Na coleção da Editora Moderna há um emprego equilibrado das funções informativa, facilitadora e motivadora, testemunhando mais uma vez em favor da coleção que além de trazer uma variedade de tipos de ilustração também os equilibra de forma a serem utilizados de forma racional, eles tanto ocupam lugar principal na página, quanto servem como auxiliares no entendimento do texto.

Na coleção da Editora Positivo, as imagens com função motivadora e facilitadora estão muito mais presente que as outras, vale ressaltar que essas “outras” refere-se à função informativa porque quase não há exemplos de outros tipos de função, o que é natural uma vez que as outras funções didáticas são mais complexas e por isso mais encontradas em livros da 5ª série (6º ano) em diante. Um ponto que vale se observado é que a primazia das funções motivadora e facilitadora indicam uma forte ligação da imagem com o texto, o que necessariamente não é uma coisa ruim.

Em sua organização, a coleção da Quinteto Editorial enfatizou o uso da função informativa, ela está presente em quase todas as lições, exercitando a leitura da imagem do aluno. As funções motivadoras, facilitadoras e estéticas também aparecem de forma bem equilibrada e sistemática. Nos inícios das lições é utilizada a função informativa e no decorrer dos capítulos as outras, de forma ordenada. Esse tipo de esquema parece funcionar de forma fluente na coleção, mas exige um cuidado do professor, no sentido de ensinar as crianças a ler as imagens.

Como a coleção anterior, a da Editora FTD também utiliza a função informativa no início de capítulo, embora não seja de forma tão sistematizada quanto a anterior e em menor quantidade, uma vez que esta apresenta menos ilustrações que as demais. Mesmo assim, há um equilíbrio entre as três funções principais, de forma que os textos não ficam desamparados de associações imagéticas, porque a carência de figuras recai sobre as páginas de exercício.

O terceiro critério de avaliação, o da existência, e do tipo de atividade com as imagens presentes nos livros é um dos mais importantes instrumentos para se mensurar o grau de importância que a coleção dá ao papel da imagem. Conforme dito anteriormente, o alfabetismo visual prega que é importante aprender a entender as imagens e interpretá-las por si próprias, logo, as atividades voltadas para a interação e interpretação das imagens são as formas mais significativas de ensinar os alunos a ler as imagens. Segundo Circe Bittencourt

“(…) independentemente da origem da imagem, o problema central que se apresenta para os professores, é o tratamento metodológico que esse acervo iconológico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual” (BITTENCOURT, 2005, p.360-361).

A maioria das coleções apresentadas nessa comunicação mostra uma preocupação em incentivar a interpretação da imagem através de atividades. É o encontramos claramente expresso na coleção “Projeto Pitangüá”, onde há atividades exclusivas de leitura e interpretação de imagens em todos os capítulos do livro. Nas coleções “De Olho no Futuro” e “Porta Aberta” as atividades com as imagens são apresentadas não como parte do corpo de exercícios, mas sim como parte das lições, o leitor precisa interpretar e responder perguntas sobre a imagem relacionando com seus conhecimentos prévios para entender o conteúdo do capítulo, mais do que fazer parte do corpo do texto, nessas coleções a imagem é o texto. O mesmo não podemos dizer sobre a coleção “Sobre os Caminhos da História” onde encontramos menos de vinte atividades com a imagem, no livro que mais as tem.

O quarto critério avaliativo é a existência de legenda, por vezes esse fator é positivo, mas em certas ocasiões pode ser negativo. Para alguns o uso das legendas acompanhando a imagem auxilia na compreensão e na leitura da mesma, para outros, a presença da legenda prejudica uma leitura autônoma direcionando a leitura e impedindo múltiplas interpretações.

Num trabalho desenvolvido pela pesquisadora Isabel Martins, ambos resultados são encontrados:

“Os alunos nem sempre fazem uma leitura da imagem no contexto do texto ao redor. O texto ao redor da imagem é ignorado. Em alguns momentos os alunos atribuem facilidade à leitura da imagem e acreditam que o texto não é necessário para o entendimento da mesma. Em outras ocasiões lêem o texto ao redor. Atribuem dificuldade de compreensão da imagem, sem a leitura

dos textos anexos. Atribuem importância e papel pedagógico à legenda. Realizam uma leitura situada das imagens na página, em relação ao texto ao redor” (cf. MARTINS, 2005, p. 38-40).

Além da presença da legenda, também foi colocado em questão os tipos de legenda, que foram separados em: legendas descritivas e legendas de referência, as legendas descritivas são aquelas que (como a palavra já diz) descrevem a imagem, seja detalhadamente ou só com uma identificação; as legendas de referência são aquelas que trazem informações sobre autoria e custódia. Enfatizamos a importância dos tipos e da presença de legendas, quando afirmamos que a ausência destas prejudica certos aspectos da leitura da imagem e voluntária ou involuntariamente omite informações sobre a obra e seu autor. O mesmo coloca Ana Teresa de Souza e Castro da Purificação:

“Já foram apontadas situações em relação a reprodução das imagens que dizem respeito à menção da data de produção, do autor, do local onde está a obra original ou outras informações necessárias para contextualizar o documento e estabelecer relações com o tema em questão. A ausência dessas informações está diretamente relacionada com questões metodológicas referentes à reprodução e ao tratamento dado às imagens, porém esta ausência torna visível outras funções, sentidos e implicações que a utilização dos documentos adquire na elaboração das interpretações”(PURIFICAÇÃO, 2002, p. 3)

Todos os livros analisados apresentavam vasto acompanhamento de legendas, sendo mais utilizadas as legendas descritivas, são pouquíssimas as imagens que não possuem legenda. As legendas de referência são mais difíceis de ser encontradas, mas sempre acompanham reproduções de pinturas, mapas e reproduções de capas de livros. Na coleção “De Olho no Futuro” todos os créditos e referências das imagens encontram-se no fim do livro, nas outras coleções estas informações acompanham as imagens, o que é um ponto positivo uma vez que esse tipo de imagem desperta no aluno a curiosidade de saber quem fez tal obra e onde ela está.

O quinto critério avaliativo é a cor da imagem, se ela aparece colorida ou preto e branco, esse tipo de avaliação tem a sua importância uma vez que “ El color está cargado de información sobre la realidad (denotación) y también está muy vinculado a la esfera de las emociones (connotación)” (GUERRA, 1998, p.151).

Outro ponto importante sobre a cor é a sua transmissão de significado, segundo Dondis:

“Como a percepção da cor é o mais emocional dos elementos específicos do processo visual, ela tem grande força e pode ser usada com muito proveito para expressar e intensificar a informação visual. A cor não apenas tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também um valor informativo específico, que se dá através dos significados simbólicos a ela vinculados.” (DONDIS, 2003, p.69).

O principal significado vinculado com as cores nas imagens dos livros didáticos é o contraste entre colorido e preto e branco, esse contraste é colocado de modo para que o leitor perceba que as imagens em preto e branco são imagens de coisas do passado e as imagens coloridas de coisas recentes. Em todas as coleções essa relação é encontrada, principalmente nos tópicos que tratam das cidades, profissões e objetos antigos e atuais, as fotos em preto e branco indicam o antigo e a colorida o novo.

O último critério a ser apreciado é a presença de orientação no manual do professor sobre o uso das imagens do livro, esse tipo de orientação é imprescindível uma vez que se queira alcançar o alfabetismo visual e os graus de leitura mais altos, porque o professor tem que estar informado e orientado para conduzir as atividades e a leitura das imagens.

Nas coleções “De Olho no Futuro” e “Porta Aberta” o manual do professor encontra-se no final do livro, na primeira coleção ele concede uma atenção para as atividades com imagem que aparece durante o livro (identificada pela página) e que são intituladas de “Trabalhando com os documentos”, há também um guia específico para lidar com cada tipo de fonte. Na segunda coleção a orientação é mais genérica e diz respeito a como o professor deve utilizar os recursos oferecidos dentro e fora do livro para despertar a curiosidade do aluno sobre informações relativas as imagens, também instrui o professor a fazer perguntas sobre as imagens aos alunos instigando-os à pesquisa.

Na coleção “Projeto Pitangüá” o manual do professor é um impresso separado que acompanha cada página do livro sugerindo leituras, atividades e interação das imagens com os assuntos tratados no capítulo, além disso nas diretrizes gerais da coleção há menção ao trabalho com as imagens e sua importância. Infelizmente, a coleção “Pelos Caminhos da História” não foi oferecida com manual do professor, a única coisa que identifica os livros desta coleção como ‘do professor’ é um carimbo na folha de rosto de cada livro.

Para concluir podemos dizer que a coleção mais bem avaliada, conforme os critérios já aqui especificados, foi a coleção “Projeto Pitangüá” da Editora Moderna, ela apresentou variedade

de tipos imagéticos, equilibrado uso das funções da imagem, embora quanto a esse critério a coleção “De Olho no Futuro” não deixe nada a desejar, atividades com a imagem colocadas de forma freqüente e sistemática, infalível presença dos dois tipos de legenda, trabalho com as cores de forma harmônica e orientação minuciosa ao professor.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como critério avaliativo para a obtenção do grau de licenciada em História.

² Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe, Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de História, Membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente, Bolsista do PIBIX, Professora da Universidade Aberta do Brasil/UFS/CESAD.

³ “O ícone corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com o que representa isto é com o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem de síntese que represente uma árvore ou uma casa são ícones na medida em que se ‘pareçam’ com uma árvore ou uma casa” (Joly, 1999, p. 35)

⁴ Diferentemente da imagem-visão (percepção de estímulos visuais), ou seja, o indivíduo vê, ou a imagem-pensamento (construção mental), ou seja, o indivíduo produz significados, a imagem-texto: “diz respeito à imagem que produzimos com o objetivo de nos comunicarmos com os outros. Utilizando utensílios materiais ou equipamentos, damos forma a diferentes tipos de imagens para exteriorizar, mostrar àqueles com os quais nos relacionamos às imagens que vimos e às quais damos significados. Nesse estágio, podemos dizer que o indivíduo se comunica” (COSTA, 2005, p. 27-28).

⁵ Os critérios de avaliação são: finalidade, grau de iconicidade (que vai da fotografia ao gráfico de dados), modo de produção, movimento, natureza, profundidade e níveis de significação. (cf. Guerra, 1998, p. 110-115)

⁶ Trabalhos realizados conjuntamente com o Licenciado em História, Hermesom Alves de Menezes, disponível para consulta no site do grupo de pesquisa: www.ensinodehistoria.com.br.

COOPER, Hilary. **Didáctica de la Historia em la Educación Infantil y Primaria**. Trad. Pablo Manzana. Ministério de Educación Cultura y Desporte. Ediciones Morata. 2002. Madrid. Espanha.

COSTA, Cristina. **Educação, Imagens e Mídias**. São Paulo. Cortez. 2005.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo. Martins Fontes. 2ªed. 1997.

GUERRA, Miguel Angel Santos. **Imagen y Educación**. Argentina: Magistério del Rio de la Plata, 1998.

PANOFSKY, Erwin. **Significados nas Artes Visuais**. São Paulo. Editora Perspectiva. 3ªed. 1991.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Editora Cortez.2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo. Editora Ática. 1989.

MARTINS, Isabel, GOUVEA, Guaracira and PICCININI, Cláudia. **Aprendendo com imagens**. *Cienc. Cult.* [online]. Oct./Dec. 2005, vol.57, no.4 [cited 16 August 2007], p.38-40. Available from World Wide Web: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400021&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0009-6725.

PURIFICAÇÃO, Ana Teresa de Souza e Castro da. *(Re)criando interpretações sobre a Independência do Brasil: um estudo das mediações entre memória e história nos livros didáticos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2002. (Dissertação de mestrado).

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1996.